

FH diz que não alterará a política cambial

Reforma agrária será o tema do encontro, na sexta-feira, do presidente com João Paulo II

12 FEV 1997 12 FEV 1997
O GLOBO
Gláucia Mata Machado e Ricardo Miranda

Correspondente e enviado especial

Presidente cumpre primeiro dia de agenda

Em Roma, onde chegou na noite de segunda-feira, o presidente Fernando Henrique Cardoso cumpriu ontem o primeiro dia da visita de Estado que prosseguirá até quinta-feira. Foi recebido de manhã, no Palácio Quirinal, pelo presidente Oscar Luigi Scalfaro e por sua filha, Marianna Scalfaro. Depois encerrou na Confederação das Indústrias da Itália (Cofindustria) um seminário sobre investimentos Brasil-Itália, almoçando com uma centena de empresários. A agenda terminou com uma recepção na Embaixada do Brasil — o Palácio Pamphilli, uma construção do século XVII comprada nos anos 50 — ao presidente da Stet, a estatal de telecomunicações da Itália, e com uma visita à Câmara e ao Senado.

O presidente disse que está organizando sua base no Congresso para ter maioria estável que garanta a aprovação das reformas constitucionais. Ele lembrou que há dois anos esteve com o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que reclamava de ter uma maioria organizada contra ele. Fernando Henrique comentou que, ao contrário de Clinton, tinha uma maioria a seu favor, mas desorganizada. Agora, acredita o presidente, essa maioria está sendo organizada.

— Estamos organizando nova maioria a favor do Governo. Com essa nova maioria, vamos avançar e espero que as transformações que desejamos possam ser concluídas — afirmou.

• ROMA. Em seu discurso de encerramento do seminário organizado pela Confederação das Indústrias Italianas (Confindustria), Fernando Henrique Cardoso disse que o Governo não considera a hipótese de alterar a política cambial:

— Não consideramos a hipótese de alterar a política cambial. Não pretendemos voltar ao círculo vicioso desvalorização-inflação que tão perversamente marcou nossa história recente.

O presidente estava falando sobre as exportações brasileiras, embora não tenha feito referência direta ao déficit comercial brasileiro de US\$ 5 bilhões em 1996, dos quais US\$ 1,1 bilhão só com a Itália. Como no texto a frase sobre a política cambial estava escrita apenas uma vez, a ênfase dada pelo presidente foi uma mensagem inequívoca.

O seminário foi aberto pelo vice-presidente da Confindustria, Rosário Alessandrello. Ele alertou para o perigo de blocos continentais tenderem ao confronto, dificultando a globalização da economia e o acesso a esses mercados. O chanceler Luiz Felipe Lampreia, que falou em seguida, tranquilizou Alessandrello, afirmando que nem o Brasil nem o Mercosul pretendem tornar-se um mercado fechado e que são favoráveis à globalização. Ele disse que o Brasil não pretende se aproveitar de seus parceiros e buscar hegemonia no Mercosul.

Ontem à noite, o presidente jantou no Palácio Quirinal com o presidente italiano Oscar Scalfaro. Hoje, Fernando Henrique depositará flores no Tú-

mulo do Soldado Desconhecido, no Altar da Pátria, na Piazza Venezia, acompanhado do ministro da Defesa da Itália, e depois visitará o prefeito de Roma, Francesco Rutelli, em sua residência, na Villa Modana. Ele almoçará com o primeiro-ministro italiano, Romano Prodi, e à tarde terá duas audiências na Embaixada brasileira: com o presidente da Pirelli, Mario Tronchetti Provera, e com o presidente do Grupo Círio, Sergio Cagnotti. Amanhã, o presidente recebe o título de doutor honoris causa na Universidade de Bolonha.

Reforma agrária, o tema com o Papa

O Papa João Paulo II elegerá a reforma agrária como o principal tema da conversa que terá com o presidente na sexta-feira. O problema fundiário no Brasil é um dos assuntos que mais preocupam o Vaticano, tendo levado até mesmo a Igreja no Brasil a doar terras para a realização de assentamentos. No último encontro do Papa com uma autoridade brasileira — no dia 13 de maio de 1996, quando recebeu o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia — a reforma agrária também foi o assunto principal.

A conversa de Fernando Henrique com João Paulo II durará cerca de 30 minutos. Fontes diplomáticas confirmaram que a questão fundiária brasileira entrará também no cardápio do almoço que o presidente terá, na Embaixada do Brasil, com o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado da Santa Sé (o equivalente ao cargo de primeiro-ministro). Sodano vai transmitir sua preocupação com os conflitos fundiários no Brasil, que a cada

ano matam centenas de brasileiros. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que estará representada por seu presidente, dom Lucas Moreira Neves, e pelos demais cardeais brasileiros, passou os últimos dias informando o Vaticano sobre a realidade fundiária brasileira.

Fernando Henrique e o Papa também conversarão sobre a segunda visita de João Paulo II ao Brasil, programada para setembro deste ano. Outros temas serão abordados pelo Papa, entre eles direitos humanos no Brasil e a situação dos presidiários, que é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano. A visita de Estado do presidente brasileiro ao Papa é inédita. Os ex-presidentes José Sarney e Fernando Collor se encontraram com o Papa, mas a visita teve caráter privado. Eptácio Pessoa, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves também foram recebidos pelo Papa, mas na condição de presidentes ainda não empossados. O Papa reserva apenas um encontro oficial com chefes de Estado por ano.

Além da questão fundiária, estão na agenda do Vaticano, como temas prioritários, problemas sociais e o desrespeito aos direitos humanos, em particular a violência praticada pela polícia. A conversa do presidente com o Papa, no entanto, é livre e qualquer assunto pode ser tratado. Como determina o cerimonial do Vaticano, no encontro os dois estarão a sós. Depois da conversa, Ruth Cardoso e membros da comitiva brasileira receberão a benção do Papa. Em seguida, Fernando Henrique e João Paulo II farão um pronunciamento de cinco minutos cada. ■